

Podcast Maconhometro Educação: por uma educação antiproibicionista em tempos de desinformação social

Maconhometro Educação Podcast: For an anti-prohibitionist education in times of social disinformation

Gustavo J. C. MAIA

Núcleo de Pesquisas sobre Psicoativos e Cultura (piscoCult/UFF)
gustavojcmaia@gmail.com

Francisco José Figueiredo COELHO

Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED/UERJ)
educacaosobredrogas@gmail.com

Maria de Lourdes da SILVA

Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED/UERJ)
lullua2@yahoo.com.br

Abstract. *The article presents an analysis of the Maconhometro Educação podcast, an initiative linked to the Cannabis Monitor Brasil project, which aims to promote a critical, anti-prohibitionist approach grounded in harm reduction regarding drug-related issues in the field of education. Through interviews with educators, researchers, and public administrators, the program seeks to broaden the debate on drug education by challenging the dominance of common sense, misinformation, and fear that often shape school practices. Drawing on diverse experiences and a commitment to a pedagogy of autonomy, the podcast establishes itself as a tool for scientific dissemination and a space for bridging theory and practice, proposing new ways of thinking about and teaching psychoactive substances in schools.*

Keywords: *Education for Drugs. Harm Reduction. Pedagogy of Autonomy. Disinformation. Digital Communication.*



Resumo. O artigo apresenta uma análise do podcast Maconhômetro Educação, iniciativa vinculada ao projeto Cannabis Monitor Brasil, que visa promover uma abordagem crítica, antiproibicionista e fundamentada na redução de danos sobre a temática das drogas no campo educacional. A partir de entrevistas com educadores, pesquisadores e gestores públicos, o programa busca ampliar o debate sobre a educação para as drogas, enfrentando o domínio do senso comum, da desinformação e do medo que marcam as práticas escolares. Com base em experiências diversas e no compromisso com uma pedagogia da autonomia, o podcast se consolida como ferramenta de divulgação científica e espaço de articulação entre teoria e prática, propondo novas formas de pensar e ensinar sobre substâncias psicoativas na escola.

Palavras-chave: Educação para as Drogas. Redução de Danos. Pedagogia da Autonomia. Desinformação. Comunicação Digital.

Recebido: 30/06/2025 Aceito: 18/09/2025 Publicado: 20/10/2025

DOI:10.51919/revista_sh.v1i0.494

1. Introdução

Há aproximadamente um século, a cannabis, seus usos e usuários, vêm sendo alvo de criminalização, estigmatização, *fake news* e desinformação. O paradigma proibicionista do início do século XX, fundamentado no racismo, se consolidou mundialmente e de maneira incontestada durante quase 100 anos, e neste início de século XXI, começa a ser questionado, contestado e reformulado em várias nações.

Já são dezenas de países que possuem algum tipo de regulamentação da produção, comércio e consumo da cannabis. Uruguai, Canadá, México e mais de vinte e cinco estados norte-americanos já legalizaram a planta para todos os fins, enquanto para usos estritamente medicinais já são mais de cinquenta países no globo. No Brasil, um dos países que mais sofre com as violências e desigualdades advindas da política de guerra às drogas, ainda é muito ampla a desinformação sobre esse tema, fato que contribui sobremaneira para a manutenção desta política falida e para o aumento do consumo desinformado dessa substância.

Antes mesmo do surgimento do termo *fake news*, informações imprecisas e sem origem verificável – quase sempre regadas a preconceitos – já atingiam a maconha, produzindo um senso comum bastante distorcido (Zanatto, 2016). Tal estado de coisas afetava diretamente na qualidade das informações que circulavam, e que deveriam, em condições ideais, servir de base confiável, tanto para as escolhas individuais, como consumir ou não determinada substância, como também para as escolhas institucionais, como as opções por proibir, regular ou liberar determinados consumos.

Corroborando Acselrad (2015), Zanatto (2016) também percebe que tais informações imprecisas e/ou equivocadas contribuem para aumentar não apenas a segregação, mas também o tabu em torno da maconha. Nesse círculo de imprecisão, nota-se uma desinformação social de ordem global que, por vezes, amplia a violência, transparecendo a agressividade das políticas proibicionistas e dos movimentos a eles relacionados. Nesse sentido, a informação verificada e o debate baseado em referências atualizadas são um caminho educativo fundamental para oferecer argumentos e novos olhares sobre a ciência canábica e deslegitimar as imprecisões em torno do assunto.

Partindo desta premissa, o presente trabalho propõe uma contribuição para o debate pedagógico, sociológico e antropológico, a partir da descrição de processos de difusão do conhecimento sobre iniciativas e perspectivas pedagógicas relacionadas à controversa planta *Cannabis sativa L.*, conhecida popularmente no Brasil como maconha. Este movimento parte de um esforço dos autores em torno de propiciar reflexões a partir de suas vivências adquiridas no processo de produção de um podcast sobre cannabis e/ou outras substâncias psicoativas e/ou suas políticas, orientado pela ideia de divulgação científica e de popularização do conhecimento por uma perspectiva pedagógica e antiproibicionista. Este podcast, intitulado *Maconhômetro Educação*, se insere em um contexto mais amplo, no âmbito do projeto podcast *Maconhômetro*, que, por sua vez, é uma produção do Cannabis Monitor Brasil.

2. O Cannabis Monitor Brasil: Antiproibicionismo em ação

O projeto Cannabis Monitor Brasil (CM) foi criado em 2019 pelo primeiro autor deste texto como um desdobramento de suas pesquisas de iniciação científica e conclusão do curso de graduação em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O CM foi criado com o propósito de ser um agregador de notícias sobre cannabis publicadas nos veículos brasileiros de imprensa profissional. Seu objetivo principal era catalogar e categorizar notícias, de modo a criar um repositório digital, gratuito e acessível na internet, que facilitasse o desenvolvimento de análises e pesquisas sobre as narrativas circulantes no debate público sobre a temática, os discursos, os perfis dos veículos que publicam sobre o tema e dos jornalistas que escrevem neles.

Após cinco anos de atuação, o Cannabis Monitor tornou-se uma plataforma de comunicação digital dedicada a agregar informação, fomentar a reflexão e contribuir para um debate público qualificado sobre a maconha e as políticas sobre drogas e seus múltiplos atravessamentos, resultantes das interações dos seres humanos com esta planta (Figura 1). O crescimento vertiginoso do perfil do CM na plataforma digital Instagram durante o primeiro ano de atuação impulsionou os esforços necessários para o desenvolvimento de um website, que contemplou a disponibilização dos links das notícias catalogadas e categorizadas. Deste *clipping* diário de notícias sobre o tema, que são publicadas no Instagram @cannabismonitor e no website

cannabismonitor.com.br, onde são categorizadas, são produzidas newsletters periódicas com uma curadoria das notícias canábicas mais relevantes nos campos do ativismo, política, ciência, justiça e mercado, além de dicas de podcasts, eventos, pessoas, entidades e conteúdos interessantes ligados ao tema.

O perfil do Cannabis Monitor no Instagram possui hoje mais de 90 mil seguidores e possui alto volume de interações com o conteúdo ali publicado. Sua alta adesão, assim percebemos, indica que há muitas pessoas interessadas em acompanhar o que circula sobre a cannabis diariamente no noticiário e que um agregador temático é uma ferramenta útil não só para pesquisadores do tema, como para profissionais do setor, estudantes, gestores públicos e privados, empreendedores e curiosos em geral.

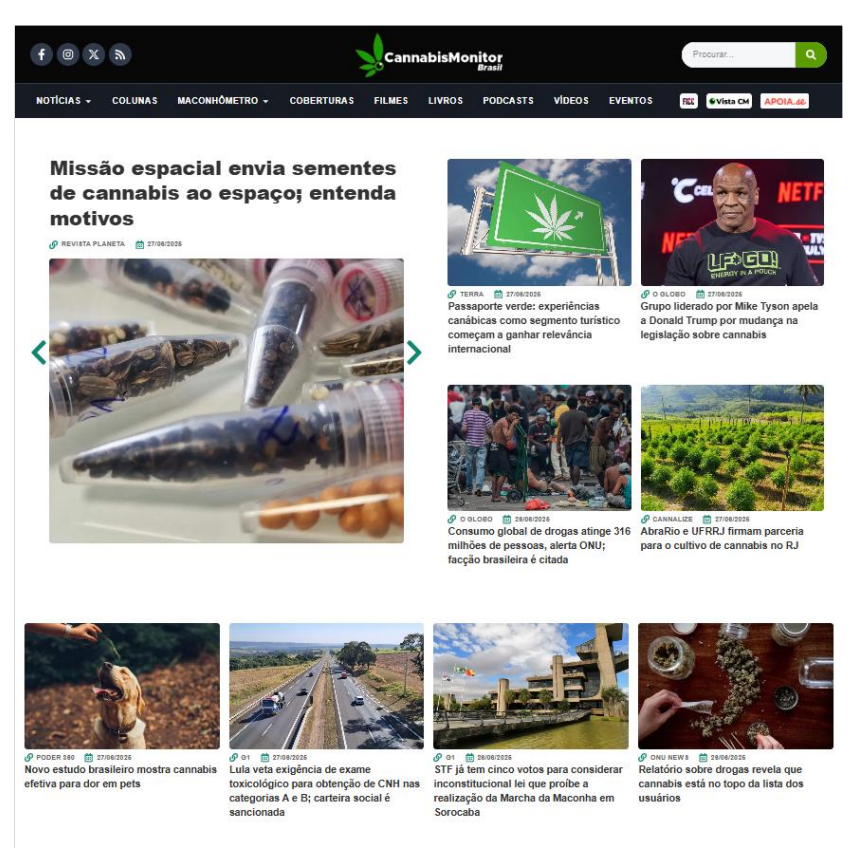


Figura 1. Site Cannabis Monitor.

Fonte: <https://cannabismonitor.com.br>

No site do Cannabis Monitor foram criadas sessões de filmes documentários, livros e podcasts sobre maconha, políticas de drogas e proibicionismo, com sugestões de obras e produções nacionais e internacionais que contribuam para a formação de opinião crítica, ampla e fundamentada sobre o tema em diversas perspectivas. Nas redes sociais são publicadas as notícias diárias selecionadas pela nossa curadoria e divulgadas as ações, lives, cursos, eventos, produções e opiniões promovidas por pessoas, coletivos e instituições que tenham propósito

informativo, educativo, crítico e, principalmente, antiproibicionista, distanciando-se da pedagogia do amedrontamento e do adestramento que, em nenhuma hipótese, se configura como um caminho de reflexão inteligente (Acselrad, 2015).

A partir de 2020, o projeto passou a investir na produção de *podcasts*, esta forma contemporânea de criação e compartilhamento online de arquivos digitais de áudio, em série, editados, contendo programas falados, de música ou de ambos. Eugênio Paccelli Freire, que pesquisou a história desta tecnologia comunicacional, chama a atenção para a facilidade de acesso às ferramentas necessárias para a produção desses arquivos de áudio, muitas delas gratuitas, como um fator importante na sua popularização:

A miniaturização dos dispositivos de áudio, bem como a incorporação de funções de tocador de MP3 em outros aparatos associa a execução e gravação do podcast a diversos aparelhos, além de possibilitar tais ações em inúmeras situações e momentos do dia a dia. Esses fatores concedem ao podcast um teor produtivo facilitado, o qual é ratificado pela presença de diversos programas livres para a realização de podcasts, [...], bem como pela possibilidade de uso de serviços de armazenamento automatizado gratuitos, [...], que dispõe de um sistema intuitivo para a postagem de podcast. (Freire, 2017, p. 56)

O desenvolvimento do podcast do Cannabis Monitor consistiu em um esforço dos responsáveis pelo projeto com a produção de programas voltados para a promoção de debates críticos, qualificados, popularizados e orientados por uma perspectiva antiproibicionista, para que estudiosos, jornalistas, ativistas, educadores, políticos e produtores de conteúdo em geral colocassem, por meio de suas vozes, diferentes posições institucionais e razões (de ordem política, social, científica, ideológica etc.), sobre a maconha no Brasil contemporâneo.

3. Podcast Maconhômetro: programas, avanços e desafios

A criação do podcast *Maconhômetro*, como um projeto de conteúdo informativo do CM, surgiu da insatisfação de seus coordenadores com a não possibilidade de ingerência dos mesmos sobre as notícias agregadas no canal. Ao mesmo tempo que muitas notícias sobre o tema estavam sendo produzidas e circulando, e isso era visto como algo positivo, a quantidade de notícias e informações distorcidas, equivocadas e reprodutoras de sensos comuns e preconceitos era considerável. Esse incômodo estimulou a criação do podcast do projeto, que foi batizado *Maconhômetro*.

Como o nome indica, o programa se propunha, desde seu início, a atuar à maneira de um termômetro, um medidor da temperatura e das pressões sobre os debates envolvendo a maconha no Brasil. A proposta principal era noticiar, contextualizar e aprofundar com ativistas, pesquisadores e especialistas, as notícias sobre maconha mais relevantes do momento, de acordo com a curadoria do programa. Em janeiro de 2020, o podcast era dirigido e produzido pelo primeiro autor deste artigo, o historiador Gustavo Maia, e tinha como apresentadora e debatedora a cientista social, assessora parlamentar e ativista da Marcha da Maconha, Monique

Prado. Ocuparam o papel de comentaristas fixos o advogado, ativista e cofundador da Rede Reforma, Emílio Figueiredo, e o antropólogo, professor e pesquisador do PsicoCult, Marcos Veríssimo.

Com o tempo, o podcast *Maconhometro* ampliou seu repertório com novos programas, variando os formatos, através de parcerias com importantes entidades e colaboradores, com o objetivo de se comunicar de maneira mais detalhada com diferentes setores da sociedade, informando e dialogando com os atores que fazem o *ecossistema* da cannabis acontecer no país, mobilizando debates e entrevistas com figuras atuantes no ativismo, na política institucional, nas organizações e movimentos sociais, na justiça, na pesquisa, no jornalismo, na educação e na produção de conteúdo.

Assim, foi durante os últimos anos, marcados pela emergência sanitária da COVID-19 no mundo todo, que este podcast, por sua vez, oportunizou também uma discussão mais detida, na esfera pública e nos meios acadêmicos, acerca da qualidade das informações que circulam na rede mundial de computadores (Oliveira, 2020).

Como parte da reflexão no processo de produção do podcast, reformulações e acréscimos foram acontecendo. A mais expressiva mudança até então foi a inclusão de convidados para debater em parceria com a mediadora e os comentaristas as questões do momento relativas à maconha no noticiário brasileiro. Posteriormente, este programa original, o *Maconhometro*, foi rebatizado como *Maconhometro Debate*, mantendo sua proposta de debates com especialistas sobre temas em evidência na esfera pública.

Passou a ser produzido em parceria com a Plataforma Brasileira de Políticas de Drogas e com apresentação por Monique Prado e a comunicadora Kyalene Mesquita, entrevistando um ou mais convidados. Até meados de 2025, 42 episódios do *Maconhometro Debate* foram publicados.

Para efeito de ilustração da contribuição do programa para o registro histórico dos principais temas sobre a maconha debatidos na atualidade por uma perspectiva antiproibicionista, o *Maconhometro* promoveu, de 2020 para cá, reflexões sobre dezenas de temas contemporâneos e emergentes na sociedade.

Cabe destacar também que, em maio de 2020, durante o auge da pandemia de COVID-19, o *Maconhometro* teve a satisfação de reproduzir o tradicional microfone aberto da Marcha da Maconha do Rio de Janeiro, gravando e disseminando as vozes, reflexões e palavras de ordem de dezenas de ativistas cariocas, que constroem a marcha pioneira do Brasil.

Para além do *Debate*, foram criados outros programas articulados à ideia inicial do “termômetro”. O *Maconhometro Notícias* foi um boletim informativo dinâmico, mais breve em termos de minutagem, apresentado pelo comunicador digital Ton Vasconcelos, que trazia em seus mais de 60 episódios publicados, os destaques do noticiário monitorado pelo Cannabis Monitor. Este programa teve sua produção encerrada no fim de 2022.

Em janeiro de 2021, foi criado o *Maconhometro Sociedade*, programa de entrevistas com representantes de organizações da sociedade civil comprometidas com o ativismo canábico e antiproibicionista no Brasil. Ele é apresentado pela comunicadora digital e ativista Kyalene Mesquita (Figura 2). Neste programa, foram entrevistadas até o momento 26 organizações que fazem a diferença no campo das lutas antiproibicionistas, como listado na imagem a seguir:

Figura 2. Organizações e coletivos que participaram do podcast *Maconhometro Sociedade*



Fonte: <https://cannabismonitor.com.br>

Também foi criado o *Maconhometro Ciência*, que consiste na proposta de dialogar com quem faz pesquisa acadêmica sobre maconha e política de drogas no Brasil, e assim compreender a realidade da produção de conhecimento sobre a planta e suas variadas formas de interação com os seres humanos, nas mais diversas áreas acadêmicas do saber. Fruto de uma parceria com o Núcleo de Pesquisas sobre Psicoativos e Cultura (PsicoCult), vinculado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Apresentado pelos antropólogos, pesquisadores do PsicoCult, Marcos Veríssimo e Yuri Motta, o *Ciência* já conversou sobre as vivências do pesquisar sobre maconha e drogas no Brasil com estudiosos das mais variadas áreas do saber, a exemplo da antropologia, história, neurociência, biologia, psicologia, psicobiologia, sociologia, agronomia, medicina, veterinária, farmácia, saúde coletiva, saúde mental, direito, economia, educação, turismo, entre outras.

Já o *Maconhometro Política*, de entrevistas com agentes políticos autores de projetos de leis sobre a cannabis ou que executam políticas públicas sobre o tema no país, conta com a apresentação da cientista social Monique Prado. Nele foram entrevistados os deputados estaduais Isolda Dantas (PT-RN) e Caio França (PSB-SP) e as vereadoras Camila Jara (PT-MS), de Campo Grande-MS, e Paolla Miguel (PT-SP), de Campinas-SP. Durante as eleições de 2022, fizemos 8 episódios especiais de entrevistas com candidaturas de Norte a Sul do país que tinham o antiproibicionismo como bandeira política. Participaram 22 candidatos de 7 estados: Santa Catarina, Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco, Goiás, Ceará e Rio de Janeiro.

Outro desdobramento foi o *Maconhometro Aperta o Rec*, programa de entrevistas com produtores de conteúdos culturais canábicos na internet, que tem como apresentador o comunicador digital e ativista Marcio Makana, criador do Jornal da Maconha. Foram 33 programas gravados até a escrita deste texto, com a proposta de compreender a realidade de quem se dedica a produzir conteúdo informativo sobre a planta nas redes.

Já passaram por lá youtubers, educadores, podcasters, redutores de danos, cartunistas, artistas gráficos, fotógrafos, growers, humoristas, cozinheiros, comunicadores, atores, radialistas, videomakers, produtores de memes e tirinhas, de conteúdo gay, de conteúdo sobre HIV/Aids, de jogos digitais, de divulgação científica e cineastas entre outros assuntos.

Outra iniciativa foi a criação do *Maconhometro Imprensa*, programa que propõe entrevistas com jornalistas setoristas da cannabis no país, que se dedicam a apurar e produzir matérias, artigos e reportagens sobre o tema. Este programa é feito em parceria com o projeto Comunicannabis. É apresentado atualmente pela jornalista e ativista Ingryd Rodrigues. Desde seu início, já foram gravados 22 episódios com jornalistas independentes e atuantes nos principais veículos especializados em cannabis em atividade no Brasil, como Hempadão, Smoke Buddies, Maryjuana, DaBoa Brasil, Weederia, Cannabis & Saúde, Rádio Hemp, Cannalize, Sechat, InformaCann, Ganja Talks, Portal Cannabis Medicinal, Ponte Jornalismo, Greg News, Namastreta e Psicoelasticamente.

Por fim, em julho de 2022, foi iniciada a produção do programa que é objeto deste trabalho, o *Maconhometro Educação*. Na mesma linha dos demais programas, o mesmo foi dedicado a debates e entrevistas, mas, neste caso, com atores inseridos no campo da educação para as drogas no Brasil.

O projeto, é resultado de uma parceria entre o CM e o Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED), vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e busca compreender o olhar dos profissionais e pesquisadores inseridos no campo da educação sobre os desafios de estudar e ensinar sobre as drogas nos espaços pedagógicos. Apresentado pelos educadores e pesquisadores do GPED, Francisco José Coelho e Maria de Lourdes da Silva, e dirigido pelo já citado Gustavo Maia, o projeto já publicou 11 episódios produzidos com professores da educação básica, pesquisadores da educação, coordenadores pedagógicos, secretários municipais de educação e formadores de professores.

Além da divulgação de trabalhos de ensino, pesquisa e extensão realizados por pesquisadores do campo da Educação, Saúde e áreas afins, o *Maconhometro Educação* tem se tornado uma oportunidade de aproximar profissionais de distintas regiões brasileiras e atualizar os ouvintes acerca das iniciativas pedagógicas no campo da educação para as drogas.

Desse modo, o podcast *Maconhometro* tornou-se múltiplo e variado, adquirindo um propósito de mapear, ouvir e registrar as perspectivas dos atores sociais que mobilizam e disputam as narrativas e as compreensões em relação à maconha e seus diversos atravessamentos no Brasil, por uma perspectiva antiproibicionista, em diversas áreas da vida social, como descrito na seção seguinte.

4. Maconhometro Educação: reunindo e articulando experiências com educação para as drogas

Conforme já introduzido, o podcast Maconhometro Educação foi pensado com o propósito de promover debates, reflexões, contextualizações, problematizações, contestações e trocas de ideias sobre o conceito de educação para as drogas.

Neste sentido, o programa vem promovendo, em parceria com o GPED, a mobilização de temas pertinentes ao campo da educação dentro do debate sobre drogas em diálogo com personagens atuantes neste campo, que pensam, pesquisam, trabalham e transformam a realidade em que estão inseridos a partir de iniciativas e projetos pedagógicos voltados para o universo do consumo de substâncias e seus atravessamentos.

Cabe ressaltar que nosso movimento não tem pretensão de isenção no debate, pelo contrário, ele se pauta por uma perspectiva antiproibicionista e orientada pela ótica da Redução de Danos. Apesar da amplitude do tema, é importante frisar que o nosso olhar está direcionado para o campo da educação escolar e a formação dos profissionais da educação. Mesmo que a educação em sentido amplo esteja no horizonte de nossas considerações, o foco proposto é o do ambiente escolar e o aspecto pedagógico dos trabalhos das escolas relacionado ao tema.

Como educamos sobre o uso de drogas e como podemos educar? Que iniciativas têm ocorrido nesse sentido, dentro e fora dos espaços escolares? O que tem sido priorizado nesses modelos educativos? Quais diretrizes pedagógicas orientam essas propostas? Como resultado dessas inquietações, o projeto busca tanto trazer reflexões teórico-conceituais sobre o tema no campo da educação, quanto servir também como ferramenta profissional da educação para todos aqueles que estão em busca de aprofundar o conhecimento e o repertório sobre como pensamos a educação para as drogas no Brasil.

O primeiro episódio do projeto se preocupou em introduzir o tema, apresentar o conceito de educação para as drogas e contextualizar historicamente os ouvintes do Maconhometro acerca dos pontos de partida essenciais para a compreensão das disputas particulares deste campo.

Quando a gente fala em educação para as drogas, se faz necessário pontuar alguns aspectos importantes para situar a questão. Primeiro, é bom dizer que a transparência inicial que a questão sugere é infundada, tamanha a complexidade dos aspectos implicados na configuração do assunto. Se a gente pensa na educação como fenômeno social, implicado em todas as formas de interação social, então a educação para as drogas existe desde sempre nas suas mais variadas configurações, direções, contextos etc. Quando pensamos nas tradições, costumes, valores, passados de geração a geração, através das práticas dos diversos agrupamentos humanos, então a educação para as drogas, no sentido de compartilhamento das práticas de uso e seus significados, a educação, em sentido mais amplo, acontece desde sempre. Foi assim que elas acompanharam e contribuíram para forjar a experiência humana em sua jornada através do tempo. O proibicionismo é um ponto de inflexão fundamental para essa forma de educação mais ampla e difusa, porque aqui observamos a instituição de uma dimensão pedagógica estruturada e deliberada.

Ainda não estava voltada à educação escolar, mas já havia empenho em disseminar na sociedade, por meios diversos, o credo proibicionista através de repressão, discriminação, desinformação e muita punição. (Maria de Lourdes da Silva – Podcast Maconhometro Educação, Ep.1: Educação para as drogas no Brasil: Um panorama histórico)

Neste episódio introdutório, Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho mantêm um diálogo que atravessa a história da educação sobre drogas no Brasil e suas particularidades até chegarmos aos dias atuais, explorando o protagonismo dos campos da saúde e da segurança pública nos modelos pedagógicos relacionados às drogas, passando pela formação de professores da educação básica, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e pela centralidade de uma mentalidade proibicionista dos modelos e práticas pedagógicas relacionadas ao tema.

Para a sequência do projeto, após o episódio inaugural e introdutório, elaboramos um roteiro estruturado com perguntas fixas para serem feitas a todos os participantes do programa, mas com margem e liberdade para a proposição de perguntas específicas sobre o campo profissional e de atuação do entrevistado da vez, e para perguntas oriundas de possíveis *insights*, espontaneamente provocados pelas conversas.

Essas linhas estruturantes de abordagem, correndo em paralelo, atravessando todas as entrevistas, nos permitem tratar de uma série de questões em densidade. Como os convidados se interessaram e se fixaram no campo? Com quais trabalhos e iniciativas sobre o tema já se envolveram? Como a redução de danos atravessa essa atuação? Quais desafios e fragilidades são percebidos dentro dessa atuação? Que leitura fazem do momento? Que sugestões dariam para os que querem se aventurar no campo da educação para as drogas? Que referências agregaram e seguem agregando nas suas formações? Essas são algumas das curiosidades e provocações propostas aos nossos interlocutores.

Aqui cabe destacar o nosso comprometimento em propor debates sobre educação para as drogas, seus conceitos, correntes e problemáticas, sem abdicar do interesse na humanização da figura do educador, buscando compreender o fenômeno da educação sobre drogas no Brasil, considerando as trajetórias, obstáculos, referenciais, dores e prazeres de atuar, pensar, propor e disputar formas pedagógicas de interação com um tema tão complexo, controverso e estigmatizado. Apesar da ainda pequena amostragem de entrevistas realizadas, é possível apresentar alguns dados interessantes oriundos desta experiência de diálogo com nossos convidados.

Os demais episódios produzidos até o momento foram no formato de entrevista com interlocutores inseridos no campo da educação de diferentes maneiras. Enquanto os professores da educação básica, Vinícius Motta (Ep.2), Marcos Veríssimo (Ep.3) e Cleiton Lessmann (Ep.11), compartilharam e debateram sobre suas atuações, desafios e vivências com o tema, dentro de salas de aula com jovens e adultos, as gestoras Maíra Fernandes (Ep.4) e Luciana Bessa (Ep.6), trouxeram suas experiências como servidoras em Secretarias Municipais de Educação, onde implementaram e coordenaram projetos relacionados às drogas no ambiente escolar.

Já a pesquisadora da Fiocruz, Simone Monteiro (Ep.5), compartilhou sua participação no desenvolvimento do jogo pedagógico “O Jogo da Onda”, um jogo de tabuleiro e cartas, que procura, de forma divertida, educativa e motivadora, esclarecer dúvidas e promover reflexões sobre a prevenção da Aids e sobre a dimensão social e afetiva do uso indevido de drogas, enfocando questões emocionais, familiares e pedagógicas.

Outro convidado foi o psicólogo Marcelo Sodelli (Ep.7), que explorou as questões envolvidas na formação dos professores da educação básica em relação ao tema. Tema que se intersecciona com as entrevistas realizadas com as pesquisadoras Regina Figueiredo (Ep.8) sobre a produção de materiais pedagógicos sobre drogas e Luzânia Rodrigues (Ep.9) sobre materiais paradidáticos.

A professora Gilberta Acselrad (Ep.10), uma referência no campo, autora do livro “Quem tem medo de falar sobre drogas” (2015), pôde explorar em sua entrevista perspectivas críticas sobre prevenção, patologização, educação para autonomia e o mito da dependência, entre outros tópicos:

Há uma noção muito antiga, até hoje muito presente, do uso de drogas como se fosse uma doença infectocontagiosa. [...] Não é bem prevenir. [...] Tem muita gente que usa drogas, mas não é doente. Usa, eventualmente, mas tem um trabalho, tem uma profissão, tem uma família, tem seus filhos, tem uma vida como qualquer cidadão. [...] Educação para autonomia [...] significa justamente capacitar as pessoas para que elas saibam discernir aquilo que é bom para si. [...] Essas bancadas mais conservadoras [...] têm muito medo dessa educação com autonomia, porque é reconhecer que o sujeito tem a possibilidade de decidir sobre a sua vida. E isso faz medo. [...] A convivência com as drogas não é pacífica. [...] A educação para autonomia vai te incentivar a ter essa capacidade de discernir que o Brasil é um país que quer criminalizar o próprio usuário. (Gilberta Acselrad – Podcast Maconhometro Educação, Ep.10: Educação para as drogas no Brasil: Um panorama histórico)

Apesar de atuações diferentes, é interessante destacar, por exemplo, que todos os entrevistados apontam como principal fragilidade sobre a exploração da temática nos ambientes escolares, a falta de informação, que por sua vez é a fonte de preconceitos que impedem maior compreensão. Maíra Fernandes destaca que reina tanto entre os alunos quanto entre os professores e gestores, o senso comum, fundamentado no preconceito que demoniza e vilaniza as substâncias e seus usuários.

Quanto à deficiência da formação dos educadores, Luciana Bessa chama atenção para a falta de investimentos e políticas públicas voltadas para este fim, enquanto Simone Monteiro acrescenta também o quanto a falta de ferramentas pedagógicas para o desenvolvimento de conteúdos e atividades agrava o quadro.

Todos os entrevistados também compartilham a visão comum de que os jovens em idade escolar se interessam pelo tema, são curiosos, consomem e têm acesso super facilitado às substâncias e que, em muitas ocasiões, dependendo do contexto, demonstram possuir mais conhecimento que os próprios educadores. Também convergem na percepção de que profissionais da educação, em

geral, preferem não explorar o tema, seja pela sua complexidade, seja por receio de sofrerem consequências negativas nos âmbitos da escola e do relacionamento com os pais dos alunos.

Especializado na formação de professores, Marcelo Sodelli advoga que o primeiro passo essencial para os educadores que pretendem trabalhar o tema das drogas deve ser um passo para trás, com o intuito de entender o que é o proibicionismo, por que ele se mantém e qual o seu sentido no nosso mundo. Segundo o psicólogo, o proibicionismo e sua perspectiva em relação às substâncias e pessoas são fundamentados no medo e, por isso, promovem confusão, estigmatização e distanciamento da discussão sobre o tema.

Dentre as diversas questões possíveis de análise a partir das respostas de nossos interlocutores, destacamos este ponto em específico, sobre a centralidade que a falta de informações, ou mesmo a circulação de desinformações sobre o tema, tem na percepção dos educadores, por ele corroborar e justificar o propósito do Maconhômetro Educação. Um projeto com propósito informativo, educativo e crítico, sobre as questões pertinentes ao campo da educação em relação às drogas, seus consumos e demais atravessamentos.

5. Considerações finais

Este trabalho é nossa primeira tentativa de avaliar e refletir sobre os efeitos do projeto no qual trabalhamos conjuntamente, o podcast Maconhômetro Educação. Estamos cientes do caráter ainda inconcluso deste artigo e do potencial de dados, análises, reflexões e interpretações dos dados e demais elementos que podem ser extraídos deste material, que tem caráter de registro histórico e antropológico sobre profissionais brasileiros atuantes no campo da educação, que ousam ensinar, produzir conhecimento, reflexão e iniciativas pedagógicas sobre um objeto pouco explorado, muito controverso e que ganha cada vez mais evidência na contemporaneidade.

Entendemos que um dos nossos principais desafios é fazer chegar aos profissionais da educação o nosso podcast e, com isto, aumentar a visibilidade e a circulação das informações e conhecimentos discutidos nos programas. Também precisamos melhorar nossas capacidades de chegar aos profissionais da educação efetivamente empenhados na abordagem do tema em seus campos de atuação. Este é, sem dúvida, um grande desafio.

Também precisamos caminhar na construção de outros formatos, além da entrevista. Estudamos promover programas temáticos, com debates entre especialistas, trazendo grandes discussões do momento sobre o tema no campo da educação. Tema polissêmico, a educação é abordada de modos diversos por diferentes áreas do conhecimento e nos ocupamos em refletir sobre como essa multiplicidade de sentidos estabelece modos distintos de operar a educação no interior destas práticas, sendo a educação formal uma delas.

Nosso programa digital, disponibilizado gratuitamente na internet, se articula com o conceito de divulgação científica, uma vez que explora um objeto de estudo e a produção de conhecimento sobre o mesmo em espaços escolares, institucionais e acadêmicos. Mais do que entreter ou

distrair, pretendemos difundir os conceitos, estudos, experiências, projetos e iniciativas produzidos na esfera pedagógica para o público mais amplo e, principalmente, conhecer as histórias, motivações, perspectivas e caminhos que levam educadores a estudar, investigar, produzir e difundir conhecimento sobre a maconha, as drogas e suas muitas possibilidades de interseções.

Apesar de lidarmos com limitações, tanto de recursos financeiros quanto tecnológicos, e todos os envolvidos no projeto atuarem de forma voluntária, dedicando-se conforme suas agendas pessoais e profissionais permitem, o que impede a manutenção de uma regularidade fixa gravações de novos episódios.

Ainda assim, pretendemos seguir produzindo e contribuindo com este projeto para a popularização do conhecimento, das controvérsias, disputas e questões inerentes ao tema das drogas no campo da educação e que essas discussões propostas agreguem para professores, alunos, gestores, ativistas e quaisquer pessoas interessadas em ampliar seu repertório sobre drogas e educação por um viés antiproibicionista.

Financiamento

O presente artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

Achselrad, Gilberta. (Org.). **Quem tem medo de falar sobre drogas?** Saber mais para se proteger. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

Freire, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: Breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, Marília, v.18, n.2, p.55-70, 2017.

Oliveira, Thaiane M. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. **Liinc em Revista**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2020.

PODCAST MACONHÔMETRO. Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/maconhometro-podcast/> Acesso em: 30 jun. 2025

PODCAST MACONHÔMETRO APERTA O REC. Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-maconhometro/aperta-o-rec/> Acesso em: 30 jun. 2025

PODCAST MACONHÔMETRO CIÊNCIA. Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-maconhometro/ciencia/> Acesso em: 30 jun. 2025

PODCAST MACONHÔMETRO DEBATE. Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-ma conhometro/debate/> Acesso em: 30 jun. 2025

PODCAST MACONHÔMETRO EDUCAÇÃO. Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-ma conhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025

PODCAST MACONHÔMETRO IMPRENSA. Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-ma conhometro/imprensa/> Acesso em: 30 jun. 2025

PODCAST MACONHÔMETRO SOCIEDADE. Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-ma conhometro/sociedade/> Acesso em: 30 jun. 2025

Zanatto, Rafael Morato. Maconha, erva maldita: um filme de Raul Roulien. In: MACRAE, Edward; ALVES, Wagner Coutinho. **Fumo de Angola**: cannabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade. Salvador: EDUFBA, 2016.

Episódios do Maconhometro Educação

“Ep. 1: Educação para as drogas no Brasil: um panorama histórico.” [Locução de]: Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho. **Programa de Abertura**. Rio de Janeiro: Cannabis Monitor Brasil, 2 set. 2022. Podcast. (Maconhometro Educação). Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-ma conhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025

“Ep. 2: Educação sobre drogas nas escolas” [Locução de]: Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho. **Entrevistado: Vinícius Motta**. Rio de Janeiro: Cannabis Monitor Brasil, 27 out. 2022. Podcast. (Maconhometro Educação). Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-ma conhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025

“Ep. 3: Educação sobre drogas nas escolas” [Locução de]: Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho. **Entrevistado: Marcos Veríssimo**. Rio de Janeiro: Cannabis Monitor Brasil, 19 nov. 2022. Podcast. (Maconhometro Educação). Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-ma conhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025

“Ep. 4: Educação sobre drogas nas escolas” [Locução de]: Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho. **Entrevistado: Maíra Fernandes**. Rio de Janeiro: Cannabis Monitor Brasil, 9 mar. 2023. Podcast. (Maconhometro Educação). Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-ma conhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025

“Ep. 5: Educação sobre drogas (O Jogo da Onda)” [Locução de]: Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho. **Entrevistado: Simone Monteiro**. Rio de Janeiro: Cannabis Monitor Brasil, 18 abr. 2023. Podcast. (Maconhometro Educação). Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-ma conhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025

“Ep. 6: Educação sobre drogas e Audiovisualidades” [Locução de]: Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho. **Entrevistado: Luciana Bessa.** Rio de Janeiro: Cannabis Monitor Brasil, 7 jun. 2023. Podcast. (Maconhometro Educação). Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-maconhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025

“Ep. 7: Educação sobre drogas na formação de professores” [Locução de]: Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho. **Entrevistado: Marcelo Sodelli.** Rio de Janeiro: Cannabis Monitor Brasil, 28 set. 2023. Podcast. (Maconhometro Educação). Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-maconhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025

“Ep. 8: Educação sobre drogas e materiais pedagógicos” [Locução de]: Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho. **Entrevistado: Regina Figueiredo.** Rio de Janeiro: Cannabis Monitor Brasil, 12 set. 2023. Podcast. (Maconhometro Educação). Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-maconhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025

“Ep. 9: Educação sobre drogas e materiais paradidáticos” [Locução de]: Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho. **Entrevistado: Luzânia Rodrigues.** Rio de Janeiro: Cannabis Monitor Brasil, 22 jul. 2024. Podcast. (Maconhometro Educação). Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-maconhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025

“Ep. 10: Quem tem medo de falar sobre Drogas?” [Locução de]: Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho. **Entrevistado: Gilberta Acelrad.** Rio de Janeiro: Cannabis Monitor Brasil, 20 ago. 2024. Podcast. (Maconhometro Educação). Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-maconhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025

“Ep. 11: Educação sobre drogas e antiproibicionismo” [Locução de]: Maria de Lourdes da Silva e Francisco Coelho. **Entrevistado: Cleiton Lessmann.** Rio de Janeiro: Cannabis Monitor Brasil, 30 set. 2024. Podcast. (Maconhometro Educação). Disponível em: <https://cannabismonitor.com.br/categoria-maconhometro/educacao/> Acesso em: 30 jun. 2025